

O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO. |

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 6.

MARÇO 15.

1856.

D. MANOEL JOSÉ QUINTANA.

El Vate soberano
De Padilla y Guzman! . El gran patricio
Que, pronto siempre al noble sacrificio,
Y nunca siervo de poder tirano,
De vil lisenja y de ambicion ajeno,
Dió siempre al pueblo hispano,
Que su elevada inteligencia admira,
Modelo de su virtud, gloria en su lira!

G. G. de Avellaneda: ode recitada
na coroação de Quintana.

Apesar da ignorancia em que nós, os portuguezes, vivemos acerca da litteratura hispanhola, ha comtudo um nome que hoje todos conhecem, tão alto o apregoou a fama pela voz omnipotente da imprensa! Fallamos de Quintana.

A sua coroação excitou em muitos vehemente desejo de ler a biographia do poeta laureado pelas mãos da rainha Isabel no meio d'uma ovação verdadeiramente nacional.

Este facto lembra o que ainda não ha muito escreveu o auctor dos *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa á China*. « Na historia das letras, diz elle, deu-se uma epocha, em que por tal maneira se identificou a existencia dos poetas com o objecto de seus cantos, que o mundo nada lhes soube da vida alem das creações do seu organo Os tempos modernos não consentem essa ignorancia . . .

O publico de nossos dias quer ver os seus heroes sem pedestal e sem véo, como as escravas expostas á verda nos lazares do Oriente. Não é da nossa competencia analysar a origem, nem profundar a indole desta curiosidade: é um instincto, uma necessidade da epocha; devemos sujeitar-nos a ella. »

A' mingoa de documentos para cabalmente satisfazer aquelle leuavel desejo, reconhecemos ao esboço biographico, impresso a pag. 656 do tomo 2.º dos *Apuntes para una bibliotheca de escritores espanyoles contemporaneos, en prosa*

y verso, por D. Eugenio de Ochoa. Alguem se encarregará de dar a lume obra, que mais satisfaça a anciedade publica. Esperemol-o dos illustres redactores da *Revista Peninsular*.

A capital da Hespanha foi o berço de Quintana, que nasceu no dia 11 d'Abril de 1772.

Em Madrid adquiriu a educação elementar, propria da infancia; em Cordova estudou latin; no seminario da cidade de Salamanca, philosophia e rethorica; e na Universidade da mesma, Direito e Canones.

Cultivando a poesia desde tenra idade, não se deu todavia a conhecer senão aos vinte tres annos, em 1795, pela publicação d'algumas peças lyricas, e depois em 1801 pela imitação d'um drama inglez, o *Duque de Vizeu*. Estas primicias litterarias revelavam talento, mas não presagiavam genio.

Em 1802 é que a reputação de Quintana principiou a cimentar-se em solidos alicerces. Foi então, que deu ao prelo um *Tomo de poesias*, do qual tem havido diferentes edições, e que redigiu o periodico intitulado *Variiedades de ciencias, literatura y artes*. Depois, em Janeiro de 1805, concluiu e levou á scena a sua tragedia *Pelayo*; em 1807 publicou o tomo 1.º das *Vidas de los Espanoles célebres*, e em 1808 trez tomos de *Poesias Selectas castellanas*, preciosa collecção que principia no tempo de João de Mena e acaba em nossos dias. N'esse mesmo anno é que Quintana verdadeiramente revelou o seu character, como poeta e como patriota, dando á luz as *Odas á Espanã libre* e escrevendo no *Semanario Patriótico*, periodico politico, creado com o fim de robustecer os brios de nacionalidade e insuflar o espirito d'independencia nos animos dos hespanhoes, ameaçados pelas aguias imperiaes do vencedor d'Austerlitz, o qual fazendo a partilha dos thronos da Europa, cêra o de Fernando VII. a seu irmão José!

Em nome dos diferentes governos que se succedem durante a invazão franceza, publicou varios *Manifestes Proclamas e Decretos*; em 1830 e 1833 outra collecção de *Poesias Selectas Castellanas*, augmentada com illustra-

ções criticas e dous tomos de poesia epica antiga, e hem assim os tomos 2.º e 3.º das *Vidas de los Espanoles Célèbres*, obra excellente, que ao poeta grangeou logar distincto entre os historiadores da Peninsula.

Quintana é membro da real academia de S. Fernando e d'outras sociedades litterarias. É tambem o dècano da litteratura hespanhola contemporanea, e o precursor d'essa brilhante pleiade de poetas e prosadores, que o mundo da arte conhece pelos nomes de Zorrilla, Espronceda, Martínez de la Róza, Ventura de la Vega, Mora, Hartzembusch, Garcia Gutierrez, Pastor Dias, Avellaneda e outros.

Licenciado tanto em Direito, como em Canones, e dedicando-se á advocacia, o primeiro emprego que obteve foi o de *agente fiscal de la junta de comercio*, depois o de *Censor de téatros* e successivamente os de *oficial mayor de la secretaria general de la junta central*, *secretario del rey con exercicio de decretos*, *secretario de la interpretacion de lenguas*, *vocal de la suprema junta de censura*. Nomearam-no tambem membro da commissão encarregada da nova organisação dos estudos, na qual foi Quintana quem desenvolveu os trabalhos, que se appresentaram ao governo e que as cortes approvaram.

Em virtude dos acontecimentos de 1814 soffreu seis annos de prizaõ, no fim da qual restabelecido o systema representativo, volveu a ser *secretario de la interpretacion de lenguas* e *vocal de la suprema junta de censura*.

Constituida a direcção geral dos estudos em 1821, elegeram-no presidente, até que em 1823, abolido outra vez o systema constitucional, que regia o paiz, pela invazão do exercito francez, cujo commando Luiz 18 confiara ao Duque d'Angouleme, despojaram Quintana de todo o influxo publico, dimitindo-o de seus empregos.

Retirou-se então de Madrid para um povoado da Estremadura, onde viveu com a familia paterna até setembro de 1828, em que lhe permittiram o regresso á Capital, e ahí recommçou seus trabalhos litterarios.

Em 1829 foi nomeado *vocal de la junta del muscu de ciencias naturales*; e em 1833 reintegrado no emprego de *secretario de la interpretacion de lenguas*, e em 1833, debaixo da regencia de Rainha Christina na minoridade de sua filha Izabel, elevado á alta dignidade de senador e ministro do conselho Real.

Desde 1840 ha uma grande lacuna, que nós não podemos supprir, porque os factos não se improvisam, e o citado D. Eugenio Ochoa

publicou n'aquelle anno o apontamento biographico de Quintana; apontamento succintissimo, que só tem o merito d'indicar por ordem chronologica as datas das nomeações e publicações.

O que é certo é que em 23 de Março do anno passado celebrou-se no Palacio do Senado em Madrid, a coroação d'este poeta ancião, facto novo nos annaes da peninsula Iberica. Gloria á Hespanha, que sabe dar ás outras nações insignes exemplos d'alta illustração, premiando o talento, remunerando o patriotismo de seus filhos!

Quintana, no discurso que por essa occasião dirigiu á rainha de Hespanha, dizia-lhe: Tendo invocado a patria com os mais fervidos desejos, quando ella não existia, saudei-a com hymnos de gozo e de enthusiasmo, quando a vi apparecer. Segui-a constantemente em todas as vicissitudes da sua fortuna. Caí e levantei-me com ella, consagrei-lhe todos os esforços da minha actividade, todas as potencias da minha alma.»

É verdade. A Hespanha não vencera só a musa de Quintana senão tambem a sua dedicação civica, dedicação que até se manifesta no character eminentemente patriotico de todas as suas poesias.

A harpa do auctor da magestosa ode *á la invencion de la imprenta* rarissimas são as vezes, que se não inspira da patria ou da liberdade. É porisso que só quando a Hespanha desaparecer do mapa das nações será olvidado o nome de Quintana. O sepulchro da nacionalidade hespanhola será o sepulchro da gloria do poeta.

Torres e Almeida,

MEDITAÇÕES.

v.

A REDEMPÇÃO.

O primeiro homem, sahido das mãos do Creador, collocado por elle n'um manancial de delicias, cheio de graça e d'innocencia, estava destinado a gosar d'uma perenne felicidade no seio do paraizo.

Mas infelizmente para o homem, elle tinha sido creado livre, porque um tributo d'adoração servil e obrigado não podia agradar á Divindade.

Era assim, contudo, que o homem se podia tornar credor dos beneficios de Deus, pela sua submissão e obediencia.

Elle, porem, abusou da liberdade, e comeu do fructo d'aquella arvore que crescia jun-

to da arvore da vida, e que Deus lhe tinha vedado, como um penhor da sua obediencia.

O homem tinha peccado: elle pagou depois de tantos beneficios com a ingratição e a desobediencia A'quelle a quem devia uma gratidão sem limites!

A espada do anjo tinha chamejado ás portas do paraizo, e expulsara-o d'aquella habitação feliz para um mundo de atribulações, exposto á fome, aos trabalhos e á morte.

A offensa fôra feita a um ser infinito, e para reparal-a que podia o homem, creatura fraca, imperfeita, e limitada, descalhada pelo peccado, e preza do anjo das trevas?

A sua perdição era, pois, inevitavel; por-rem não aconteceu assim: no céu havia um ser infinito, que tinha pela humanidade um amor tambem infinito — era o Verbo, e o Verbo, para satisfazer a justiça divina, desceu á terra e fez-se homem: entregou-se á morte para vencer a morte; e, para dar a vida aos homens, veio morrer entre elles e ás suas mãos!

Muitos tempos se passaram, contudo, em que as portas do céu estiveram fechadas para o homem porque não viera ainda Aquelle, que havia de abri-las com o doloroso calix da paixão.

O annunciado dos prophetas, o prometido dos patriarchas, era anciosamente desejado por um povo preza do peccado e do demónio.

Finalmente, o tempo era chegado.

Uma estrella brilhante appareceu então no oriente, era a aurora da redempção.

A multidão appinhava-se em Bethlem, reunida ás intimações do Cezar, que regia então os destinos do mundo.

A riqueza e a opulencia occupavam as casas mais ricas e sumptuosas; mas lá n'um logar obscuro, n'um presepe, estava uma familia pobre e humilde.

Um menino havia nascido ante o qual os maiores potentados da terra são menos do que uma gota de agua em comparação do oceano, ou um grão d'areia no meio do deserto.

Era aquelle que os profetas haviam annunciado; era o prometido das nações, ha tanto tempo desejado por um povo eleito: era o Messias. Podia elle nascer no meio do luxo e da opulencia, nos sumptuosos palacios dos principes, ou debaixo dos tectos dourados dos reis; mas não; foi buscar, o seio de uma familia obscura e humilde; quiz vir ao mundo n'um presepe, para ensinar aos homens a pobreza e a humildade.

O seu nascimento, annunciado igualmente aos grandes e aos pequenos; as mais simples offeras dos pastores recibidas igualmente como o ouro o incenso e a mirra, eram o signal daquella egualdade, que elle vinha ensinar ao mundo, a verdadeira egualdade — a fraternidade dos homens.

Trinta e trez annos depois, quando es-

tava proxima a epocha do sacrificio, veio o Messias offerecer-se como victima innocente para expiar o delicto do culpado.

Na grande Jerusalem, naquella cidade aonde tinha soado tantas vezes a voz dos prophetas, aonde a harpa de David tinha entoadado os seus cantos melodiosos, aonde as virgens de Sião tinham tantas vezes cantado hymnos de louvor no templo do grande rei ao Deus dos exercitos, ao grande Jehova, pelos triumphos de seus braços, era aonde agora se passava uma scena, cujas consequencias haviam de tornar d'um povo escolhido um povo deicida.

Um homem era accusado de aspirar á realeza, e de amotinar o povo; e era levado ao summo sacerdote pela multidão enfurecida, que pedia a sua morte.

Na varanda do governador romano é apresentado esse homem ás tuilhas, coberto de feridas dos agutes que tinha recebido, é n'um estado bem digno de mover a compaixão; mas o povo, que tinha, instigado pelos escribas, perdido ao culpado para castigar o innocente, pedia em altos gritos que o crucificassem.

É o Homem-Deus, que vai receber a morte para dar a vida aos homens; que toma sobre seus hombros os peccados do mundo, e vai derramar no Calvario o seu sangue puro, para lavar com elle a mancha do primeiro homem.

Era a obra d'um amor que não podia ser excedido; porque era d'um amor infinito, d'um amor divino.

No cimo do Golgotha arvora-se uma cruz, e pregado n'ella á face do mundo está o Salvador, crucificado por aquelles mesmos a quem vinha salvar.

Estava prestes a consumar-se o sacrificio, e o Homem Deus, que hia deixar este mundo, para depois subir triumphante e victorioso de todos os seus inimigos a sentar-se á mão direita do Pai Celestial, quiz ainda dar mais uma prova do seu amor, deixando ao mundo uma protectora efficacissima em sua Mãe, que elle dava como uma Mãe aos homens = Mulier, ecce filius tuus.

Depois, já proximo a expirar, no meio de seus algózes, que lhe haviam dado fel e vinagre para saciar a sede, por outro excesso do seu amor, implorava do Pai Celeste o perdão para aquelles mesmos que o haviam crucificado = Pater meus parce illis: nesciunt quid faciunt.

Finalmente, o Homem Deus acaba d'expirar: o sacrificio estava consumado.

O alyno tremeu ao ver acabar-se o seu imperio, porque as portas do céu hiam ser abertas para o homem pela coroa d'espinhos do Redemptor do mundo.

Tal foi o fructo d'aquelle amor de que o Verbo se sentira abrazado pelos homens, e sem o qual o mundo ficaria para sempre debaixo do jugo do anjo maldito!!

Salve! Filho de Deus!.. O homem, sobre quem o terrível peccado da desobediencia havia acarretado a condemnação eterna, e que, trocando uma eternidade de delicias pelo conhecimento do bem e do mal, se tinha tornado escravo do anjo das trevas, foi resgatada por vós, á custa d'uma morte affrontosa, e o vosso sangue, derramado no Calvario, rehabilitou-o a poder aspirar outra vez á séde feliz da bemaventurança!

Oh! Como os homens deviam pagar com repetidos protestos de gratidão e reconhecimento esse profligio do vosso amor, e contudo, quantas vezes o não tem elles esquecido!

E' porisso que se me sinto por um lado transportado de jubilo e reconhecimento tambem, ao ver approximar-se a epoca em que a igreja se veste de luto para comemorar o anniversario da vossa paixão dolorosa, eu sinto a alma entristecer-me ao meditar na ingratião com que os homens tem pago tantas vezes esse prodigio d'amor infinito, d'amor divino, que se chama-a — a Relempção!

João Joaquim d'Almada Braga.

UM DUELLO SEM TESTIMUNHAS.

(Continuado do n.º 4.)

V

Vamos, exclamou o conde, enche-lo de novo o copo. — A' nossa boa caçada!

A' nossa boa caçada, repetiram em côro os convivas.

A' saúde do lobo — exclamou o juiz inquiridor com ar burlesco.

E de sua augusta familia! — accudiu desde logo o recebedor, convencido de ter dito uma galantaria.

Ah! Ah! Ah! — murmurou o Cintabro — Explícaí-vos, sr. recebedor: que quereis dizer com essas palavras?

Que quero dizer? — replicou elle com embaraço — Ei quero dizer... sim; quero dizer que...

Bem, bem, basta: disse o Cintabro. — Bebamos á saúde do vosso café!

E de vossos amores, Mr. Corbiau: — accrescentou Loustier.

Ai! já os não tenho! — tornou o recebedor com accento melancholico.

Arranjareis outros novos — insistiu Loustier, com o zombialdo. — A' saúde da vossa futura...

Não, não: — gritou instantaneamente o recebedor dando o braço de Loustier que elevava seu copo de vinho cheio. — Não; jamais tornaria a acender-se para mim os facho do hymineu.

Todos os convidados soltaram uma estrondosa gargalhada.

Como?! nem o mais pequeno facho? Nem esse — respondeu o recebedor enfaticamente. E' uma tea de discordia.

Ah! Ah! — disse Loustier — O bom Corbiau homérico, physiologico....

E mythologico! — addiccionou o conde.

E quasi amphibologico! — murmurou o capitão dos genlimes, cuja cabeça ardia como um volcão.

Senhores: eu sou logico e muito logico — replicou Mr. Corbiau, que já tinha as orelhas roxas de vergonha. — Eu quero dizer que me assombram as desventuras conjugaes....

Ai! Tenho já visto demasiadas victimas....

E sabe Deus as que verei ainda!... Não, não: livre hei vivido, e livre hei de morrer.... celibatario, e conteate, com a fronte para de toda a mancha.

Ah! Ah! Ah!

Quereis asseverar que todo o marido — disse o conde — inevitavelmente ha de ser....

Exceptuo alguns — interrompeu o recebedor em tomsolemne — Vós por exemplo, sr. conde, tenes por esposa a mesma virtude....

Sim, na verdade! a virtude em pessoa! e d'isso posso gloriar-me. Posso asseverar que sou um dos poucos exceptuados.... por que vos asseguro que tambem sou da opinião de Mr. Corbiau: quasi todos os maridos são.... absurdos.

E quasi todas as mulheres são.... espirituosas: accrescentou malignamente Loustier. — E' verdade que com um physico como o nosso não leve um homem casar-se.... o sr. recebedor e eu, que temos poucos pontos de semilhança com Apolo de Belvédère....

Fallai por vós, cavalleiro Loustier! — replicou Mr. Corbiau, intimamente resentido. — Eu não sou nemham Adonis.... mas isso é o mesmo.... valho tanto como qualquer outro. E sobre tudo vejo-me dotado d'uns ciumes tão ferozes, que tenho por felicidade, repito, o nunca se terem accendido em meu peito as tochas do hymineu.... por que de certo concluiria por commetter uma atrocidade. E terieis então de passar por minhas mãos sr. Otelo! — disse o juiz sorrindo-se.

E' verdade — respondeu Mr. Corbiau com accento tragico — Mais cedo ou mais tarde, o sr. procura-lor do rei, que presente está, teria lançado, contra o mais submisso dos seus criados, alguma requisitoria.... E lmuu! Humblot, interpellado d'este modo, levantou distraidamente os olhos para Mr. Corbiau; mas sem fazer observação alguma, permaneceu mudo: outro pensamento mais sombrio e mais invejoso absorvia toda a sua attenção.

Na verdade! — exclamou o conde com enthusiasmo — Mr. Corbiau; vejo que sois um homem como se quer, e entendeis todas essas coisas como eu.... Oh! juro-vos, que eu faria

absolutamente o mesmo: e se minha esposa...

Interrompeu-se repentinamente, e pareceu reflexionar. Torceu-se-lhe a physionomia triste e carregada; porem tudo isto foi apenas uma nuvem, que passou como um relampago.

Palavra d'honra! — proseguiu o conde, fallando com volubilidade — não comprehendo esses pobres homens, que a todo o custo querem chegar a ser paes de familia. De entre quatro, parece-me que tres não tem vocação para semelhante estado! Ah! ah! ah! Não ha nada tam bom para os galans e amigos d'aventuras, como esses excellentes matrimonios, em que o marido traja gorros d'algodão com cinta verde ou azul!!! Que diabo! a culpa é só d'esses veneraveis esposos. Que um homem se case, embora: porem ao menos deve estar seguro de sua mulher. E' necessario escolher....

Como vós snr. conde — disse o Cantabro com enfase — Oh! a snr.^a condessa é um anjo... é a propria doçura... é capaz de internercer ainda que seja um gendarrna.

Tendes razão, capitão — disse o conde com orgulho: — minha mulher é um modello de virtude, de candura e de piedade. Creio com firmeza que eu me poderia auzentar um anno, dois ou tres... sem temor algum; pois que estou tão seguro d'ella como de mim mesmo.

Assim o crêmos nós — disse o procurador do rei mordendo os labios. — Porem vós, conde, não nos inspiraes grande confiança... e se a fama não mente, conta que sempre haveis professado um culto á belleza...

Não digo que não: loural ou morena, alta ou baixa, gorda ou delgada, amo a todas as mulheres, e.... sou como D. João.... Mas não confundamos os sexos snr. procurador do rei: eu sou homem, e ao homem permittem-se-lhe muitas cousas, que para elle não são mais que bagatellas. A mulher n'este ponto é muito differente! Depois de casada, cumpre-lhe não lançar nem uma só vista d'olhos, nem uma sequer, para outro que não seja seu marido.

O snr. conde faz essa partilha a seu gosto — replicou Humblot, com um ligeiro accento de sarcasmo. — Sim, sim é como a partilha do lião!

Quia nominor leo?! — accudiu com vivacidade o conde encantado de poder collocar esta reminiscencia de Phedro. Convenho que sou zeloso... zeloso como um tigre. Porem o que eu faço tenho direito de fazel'o. Gosto de rir-me de vez em quando, e viver um pouco á solteira... mas isto não impede que eu ame minha mulher... Oh! e amo-a como no primeiro dia, e ainda mais se é possível.

O coração do snr. conde, é de tal modo grande — accrescentou Loustier — qua sempre tem um logar para....

Já vedes, meus amigos — continuou o conde — que com o meu character, madama d'Harqueville, era a unica mulher no mundo que

me convinha: doce, bôa, virtuosa sempre soffrida e resignada, comprehendendo maravilhosamente sua missão d'esposa. Porem tenho a convicção de que me ama, e eis a razão por que durmo tranquillo.

É miope! murmurou entre dentes o procurador do rei; — ser-lhe-ia bem empregado que....

Confesso-vo-lo — continuou o conde, inflando-se a proporção que vasava o côpo — algumas vezes passam-me pela imaginação certas ideias... loucas apprehensões... E' um absurdo; porem que quereis? Todas estas quimeras transtornam-me de vez em quando a cabeça d'um modo horrivel... O espirito quer apresentar-mas essas visões....

Visões coroadas — murmurou Loustier a meia voz.

O conde tornou-se livido, e arrojou sobre Loustier uns olhos de cholera,

Oh! se eu tivesse a menor duvida — replicou, dando nma grande punhada sobre a mesa — Eu não sou d'esses maridos que fecham os olhos para não ver claro... Eu veria tudo... e então... Não acabou a fraze, mas um gesto ameaçador completou o pensamento.

Então que farieis, snr. conde? — perguntou Loustier.

Ah! juro-vos que não duvidaria!... Minha resolução está tomada e é irrevogavel; nem o meu pensamento nasceu desde hoje. Crê-les por ventura que sou algum tonto, que não penso em nada, ou que eu trataria o assumpto philosophicamente? Não por certo! juro-vos que haveria sangue... que haveria um cadaver....

As ultimas palavras do conde foram pronunciadas com voz profunda e brilhante.

Diabo! — exclamou Loustier enchendo a bocca de picado.

Somos do mesmo temperamento — disse o recebedor movendo a cabeça com ar boligoso. — O snr. conde sabe com perfeição o codigo — retorquiu Humblot sardonicamente — O artigo 324 do codigo penal diz — «O assassinato commettido pelo marido na pessoa de sua mulher, assim como na de seu cumplice, no instante em que os surprehende em flagrante delicto, na mansão conjugal, é escusavel —»

E no mesmo momento Humblot olhava Felix com significativa expressão d'odio.

Não é assim Mr. Villemont? proseguiu Humblot.

Sim; snr. procurador do rei — respondeu Felix um pouco perturbado: — a citação é exacta, e posto que a fraze não seja muito elegante, está assás clara, pelo menos, e pode entender-se.

Alto lá! — disse o conde, animando-se. Por mim deixo vosso artigo 324 para enraivecidas togas. O meio é demasiado expedito, mas pouco digno d'um homem de coragem. Tenho por ignobil essa vingança do codigo. Sou mais

zeloso e arrebatado que outro qualquer: parem juro-vos por minha honra que a ninguém assassinarei jamais!

Que diacho! Pois não temos um duello!

Continúa. *Celestino Seixas.*

CARACTERISAÇÃO INDUSTRIAL

DAS

PRINCIPAES NAÇÕES.

Je n'enseigne pas, je raconte.

Montaigne.

Não sendo cada nação de per si, assim como cada individuo também o não é, dotada d'igual aptidão industrial para todo o genero de productos; — cada uma das mesmas nações se tornou então sobresaliente n'um dado genero industrial, assim á maneira do que todos os dias se observa acontecer a respeito de cada individuo de cada nação. — E esse genero industrial em que se tornára cada uma d'ellas sobre saliente, esse é o característico verdadeiro da sua geographia industrial, esse é o prototypo rigoroso da sua existencia social peculiar, conforme a opinião generica dos seus engenhosos caracterisadores.

E d'est' arte, pois, "a considerarem-se em massa os cinco grandes continentes do globo", que a Europa é uma fabrica; a Asia um bosque; a Africa um descampado, a America um armazem; e a Oceania um lago.

E é d'est' arte, al fim, a considerarem-se individualmente as principaes nações do globo, que a Franca é uma grande fazenda rica, com tendências para se tornar n'uma grande officina; e que a Inglaterra é uma fabrica immensa, um vastissimo laboratorio; uma gigantesca feitoria universal.

A Belgica é uma forja; e a Hollanda um canal de regadio. — A Italia septentrional é um prado artificial; e a Italia meridional uma fazenda de recreio em ruinas. — A Suissa é uma queijeira; e a Allemannha um campo mal cultivado. — A Grecia é um campo inculto; e a Turquia um campo de pousio. — A Polonia é uma charneca; a Russia uma pelateria; e a Dinamarca e a Suecia um arsenal.

A Algeria é um viveiro; e o Egypto uma eschola d'apprendizes. — A India é uma mina d'ouro; e a China uma louceria. — A America meridional é uma loja; e a America septentrional uma caixa cheia. — As Antilhas são uma caixa de refinação; e os Estados Unidos um escriptorio bem modelado.

E para fecho ou desfecho de tudo, de tudo quanto constitue o verdadeiro panorama

industrial das principaes nações do globo, é a nossa vizinha Hispanha uma caixa vazia, e este nosso Portugal, de myriadas de recordações a cada qual mais augusta e mais magestosa, e mais grandiloca e mais sublime, é uma verdadeira quinta arrendada, é uma verdadeira fazenda que o seu domno não inspeciona de perto.

J. J. da S. Pereira-Caldas.

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

OU THRENOS.

PRIMEIRO THRENO.

Chora Jeremias a desolação de Jerusalem, e annuncia as vinganças do Senhor contra os que se alegrarem com a desgraça desta cidade.

ALEPH.

Que cidade infeliz! Como tão farta

Que era de povo outr'ora,

Hoje se vê jazendo solitaria?

Senhora das Nações, herente esposa,

Como he que hoje viuva a contemplamos?

Rainha das provincias,

Como aos tributos se vergou de escravo?

BEHT.

E Chorou, e chorou durante a noute,

E em diluvios de lagrimas

Faces banhadas tem: dos que tão meiga

Acarinhou, hum só não ha lembrado,

Que a vechta consolar: ingratos teos

Da triste escarneceram

Inimigos cruéis se lhe tornáram.

GIMEL.

A filha de Judá por longes terras

Transmigrou, fugitiva

A um jugo affligidor, servidões muitas:

Viveu entre gentios, mas descanço

Não lhe foi dado achar: os seus verdugos,

Impios todos, da victima

Se acpssáram no mor calor da angustia.

DALETIL.

As ruas de Sião choram de magoa,

Por que ás festas solemnes

Ninguem ha ja que venha: as portas todas
Ei-las despedaçadas, Sacerdotes
Gemem continuo; a dor deturpa as virgens;
Sião inteira, oppressa,
Ei-la ahi jaz n'hum gollão de amarguras.

HE.

Por sobre ella inimigos seus alçados,
Ricos com tal despojo
Ficaram, que o Senhor fallou terrivel
Contra esse mar d'iniquidades tantas.
Della os filhinhos conduzidos foram
A rude captivoiro,
Ante a caterva hostil, que os sustigava.

VAU.

E a filha de Sião viu salir della
Quanto egregio e formoso
Continha em si: viu principes, viu nobres
Ficarem quaes carneiros sem pastagem;
Viu caminhar seu rei e os seus magnates,
Sem vigor, sem alento,
Ante o inimigo, que os persegue e expulsa.

ZAIN.

Jerusalem, submersa em fundas penas,
Recordou seus transvios,
E com saulale os mimos d'outras eras:
Lembrou-se, ao contemplar, desprotegida,
Todo o seu povo entregue a um jugo estranho.
Inimigos seus que a viram,
Do seu repouso, e sabbados zombaram.

CHETH.

Peccou Jerusalem paccado maximo,
Ei-la por isso instavel,
E vagabunda: os que antes gloria, honras,
Usavam darlhe, dão-lhe hoje desprezos,
Por que a olham jazendo na ignominia
E a triste, entre repulsas,
Súspira, e para traz demove o rosto.

TETH.

Nos pés se lhe notaram torpes manchas,
E ainda assim rebelde,
Louca, do seu final não quiz lembrar-se:
Deposta ei-la por tanto, ei-la em pasmoza
Queda, sem deparar sombra d'allivio:
Senhor, vê minha angustia.
Vê quanto o imigo meu se ergue, e me afronta.

JOD.

O que ella tinha mais augusto, egregio,
Impias mãos do inimigo
Ousaram profanar: gentio rude
Ella o viu invadir seu Sanctuario;
Gentes, que tu, Senhor, vedado havias
Jamais, jamais entrassem
Na communhão dos teos, na tua egreja.

CAPH.

Todo o seu povo, nobres e abastados,
Entre gemidos buscam
O anciado pão, ja escasso: alfaias ricas,
O que era de mais preço, ja venderam
Para ainda alargar da vida o sopro.
Olhae, Senhor, o opprobrio,
A infamia, a que me vejo reduzida.

LAMED.

O' vós todos, que ahi passaes na estrada,
Parai um pouco e vêde,
Se ha dor, que á minha dor possa igualar-so.
Vêde como o Senhor palavras cumpre,
Que iroso contra mim brandira outr'ora:
Quiz que eu fosse qual vinha,
Em que se vindimasse a ultima cascadea.

MEM.

Lá das alturas dardejou-me fogo,
Que me chegou aos ossos;
E poz-me em correcção, rispido ensino.
Em de redor dos pés cingiu-me redes,
E, atraz repulsa, deu comigo em terra:
Deixou-me desolada,
E a carpir em tristeza inteiros dias.

NUN.

O pezo dos meus crimes, d'am so golpe,
Veio duro opprimir-me;
E na mão do Senhor, como cadeias,
Foram que elle me poz no collo, em voltas:
Assim mesquinha me entregou sem forças
A um pulso firme e valido,
Donde em vão tentarei jamas soltar-me.

SAMECH.

O Senhor subtrahiu d'entre o meu povo
Todos os meus valentes:
Das iras contra mim tempos marcados
Fê-los chegar, para esses meus eleitos
Reduzi-los a pó: á virgem filha

De Judá, elle proprio,
Quiz o lagar com bronzeo pé calca-lo.

AIN.

Por isso em prantos me desfaço, e rompem me
Dos olhos fontes d'agua;
E choro, por que longe o meu socorro,
O meu consolador, vida d'esta alma,
Longe de mim se foi: meus filhos vejo,
Sem remedio perdidos,
E o meu perseguidor dobrado em forças.

PHE.

Suas mãos estendeu Sião afflicta;
Não ha quem a console:
Ordenou o Senhor que os inimigos
De Jacob, em redor, toda a cercassem:
E então Jerusalem, entre essas hostes,
Qual mulher, poluida
De mensal sordidez, foi alvo a esearneos.

TSADÉ

Mas o Senhor, he justo; fui eu mesma
Que ás leis suas rebelde,
Sentenças de ira provoqueei: ó povos,
Muito o supplico, ouvi-me todos, vêde,
Contemplai minha dor: queridas virgens,
Caros mancebos — tudo,
Que eu mais amava, foi-se ao captivoiro.

COPH

Por amigos clamei porem debalde,
Que a esperança me illudiram,
E os sacerdotes meus, e os veneraveis
Anciões que tinha, consumidos foram
Da fome na cidade, quando anciosos,
Para suster a vida,
Buscaram alimento, e o não tiveram.

RESCIL.

Vê Senhor, quanto estou atribulada,
Quanto em minhas entrabas
Toda estremego: o coração subverte-se
No intimo do meu peito, onde refervem
Amarguras cruéis: por força a espada
Filhos me ceifa, e dentro
Arde a fome voraz, copia da morte.

SCHIN.

Ouviram que eu gemia, e um so não vejo,
Um so que me console.
Imigos meus souberam meus desastres,

E todos se alegraram, que tu fosses
O autor do feito: ah! quando o dia anciado
Tu me deres do alivio,
Hão-de, como eu, gemer, hão-de imitar-me

THAU.

Entre pois todo o mal que perpetraram
Entre á presença tua:
Vindima-os, como amim me vindimas-te,
Por que o mal commetti: delles na vinha;
Nem um rabisco por igual lhe poupes:
Que em fim meus ais são muitos,
E o coração me estala de tristeza.

Pelo traductor do *Eliezer*,
M. R. S. A.

ERRATAS NOTAVEIS DO 5.º N.º

No principio da 1.ª pag. d'alguns n.ºs aonde se lê 15 de fevereiro — lea-se 1.º de Maio. Na primeira col. da 1.ª pag. lin. 34 onde se lê Kyoran — lea-se Coran.

Na pag. 3.ª col. 1.ª linhas 19 — onde se lê — a imagem da poesia do sr. Lima — deve ler-se a imagem das poesias do sr. Lima. E na mesma pag. e col. linha 41 onde se lê — Cantando sua magoa, deve ler-se — e cantando sua magoa.

Na mesma pag. col. 2.ª linha 17 onde se lê — e lhes diz — deve ler-se e lhe diz — Na pagina 4.ª col. 1.ª, linha 37 onde se lê — o Luiz Huland, deve ler-se, e Luiz Vhland

EXPEDIENTE.

O *Murmurio* publica-se no dia 1.º e 15 de cada mez.

Preço da assignatura — por anno 960 — com estampilhas 1080. Por semestre 480 — com estampilhas 540. — Trimestre 240 — com estampilhas 270 — avulso 50 reis.

Este jornal assigna-se no Porto, em casa do illm.º snr. Apparecio Augusto da Cunha Sampayo, rua das Flores.

Em Valença na casa do illm.º snr. Antonio José do Cruzeiro Seixas, rua Nova, n.º 21.

Em Villa do Cende na casa do illm.º snr. José Antonio da Cunha, rua de S. Bento.

O escriptorio do *Murmurio* mudou-se para a rua do Anjo, n.º 7, aonde se acia aberto, todos os dias não santificados, desde as 9 horas da manhã até ao meio dia.

Na pag. 2.ª col. 2.ª lin. 23 onde se lê — vencêra, lea-se venera.